

**REVISTA**  
**BATISTA**  
**PIONEIRA**

*Bíblia* ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 12  
Número 1  
Junho 2023

## **A EXPERIÊNCIA DO SOFRIMENTO E DO MAL NO MUNDO NEGA A EXISTÊNCIA DE DEUS?**

*DOES THE EXPERIENCE OF SUFFERING AND EVIL IN THE WORLD DENY THE EXISTENCE OF GOD?*

*Me. Marcelo Santiago de Morais Afonso<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

O texto trata do problema do mal em relação à existência de Deus. A questão principal é se a existência e experiência do sofrimento e do mal torna logicamente impossível a existência de Deus. A hipótese levantada é que não há incompatibilidade lógica necessária entre a existência do sofrimento e do mal e a existência de Deus. Para verificar-se a hipótese, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, cotejando a questão através de um meio que transita do geral para o particular. Expõe-se uma síntese do pensamento de Agostinho, que propõe que o mal é a privação de uma perfeição que a substância deveria ter, não uma realidade positiva. Ademais, apresenta-se uma síntese do princípio lógico da não contradição e a perspectiva apologética do problema, que questiona como aceitar a existência de um Deus todo-poderoso e amoroso que permite o mal e o sofrimento no mundo. Após os devidos questionamentos, conclui-se que não há contradição lógica na existência do mal e a existência de Deus, bem como que as premissas que apontam a suposta existência de contradição não são necessariamente verdadeiras. Ademais, conclui-se que Deus permite a existência do mal para permitir o (necessário) livre-arbítrio humano e que o mal também serve como um meio para o crescimento moral e espiritual.

**Palavras-chave:** Problema do mal. Apologética. Lógica.

### **ABSTRACT**

The text deals with the problem of evil in relation to the existence of God.

<sup>1</sup> Mestre em Direito pela Gottfried Wilhelm Leibniz Universität Hannover, Université de Rouen e Universidade de Lisboa. Pós-graduado em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná e Mestrando em Teologia pela Carolina University. E-mail: [marcelo.santiago@outlook.com](mailto:marcelo.santiago@outlook.com)

The main question is whether the existence and experience of suffering and evil makes the existence of God logically impossible. The hypothesis raised is that there is no necessary logical incompatibility between the existence of suffering and evil and the existence of God. In order to verify the hypothesis, a bibliographical research was carried out, comparing the question through a means that transits from the general to the particular. A synthesis of Augustine's thought is presented, which proposes that evil is the deprivation of a perfection that the substance should have, not a positive reality. Furthermore, a synthesis of the logical principle of non-contradiction and the apologetic perspective of the problem is presented, which questions how to accept the existence of an all-powerful and loving God who allows evil and suffering in the world. After due questioning, it is concluded that there is no logical contradiction in the existence of evil and the existence of God, as well as that the premises that point to the supposed existence of contradiction are not necessarily true. Furthermore, it is concluded that God allows the existence of evil to allow the (necessary) human free will and that evil also serves as a means for moral and spiritual growth.

**Keywords:** Problem of evil. Apologetics. Logic.

## **INTRODUÇÃO**

Neste artigo não pretendemos resolver o problema do mal, mas apenas investigar uma possível resposta ao problema lógico da coexistência de Deus, do sofrimento e do mal no mundo criado por esse Deus todo-poderoso e amoroso. Nosso questionamento é justamente o título atribuído ao artigo, que delimita nossa investigação: a experiência do sofrimento e do mal torna logicamente impossível a existência de Deus?

Desta forma, iniciamos o trabalho apresentando uma apertada síntese do problema do mal, sem a intenção de aprofundamento nas questões da filosofia agostiniana, mas como um caminho necessário à delimitação do que pretendemos tratar de forma lógica e apologetica.

Demonstramos, assim, que mesmo que se compreenda o problema do mal definindo o mal como a ausência do bem, resolvendo assim uma questão ontológica, tal qual apresentado por Agostinho, podemos acreditar na existência de um Deus bom que criou todas as coisas e, mesmo assim, nesta realidade criada por Deus haver espaço para a ausência do bem (para o mal), para o sofrimento?

É apresentada uma síntese do princípio da não contradição onde, de forma simples, se demonstra que algo não pode ser e não-ser ao mesmo tempo. Aplicando ao caso, uma assertiva não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo e sob as mesmas condições.

Cientes da impossibilidade lógica das contradições, tratamos das premissas implícitas do problema ora pesquisado, concluindo que as premissas não são necessariamente verdadeiras e, por isso, não causam a conclusão de que há impossibilidade lógica entre a existência do sofrimento e do mal e a existência de Deus.

## **1. O PROBLEMA DO MAL E A EXISTÊNCIA DE DEUS: UMA DELIMITAÇÃO**

Em sua forma mais conhecida, o problema do mal foi bem exposto por Agostinho e, resumidamente, trata da seguinte questão: se Deus é o criador de tudo o que existe, como se explica o mal? Assim, o problema inicialmente se apresenta a partir da premissa de que o mal possui uma existência e, se existe, foi criado por Deus, mas como poderia ter sido criado por um Deus que é bom?

Durante algum tempo Agostinho adotou uma solução para o problema que atribuía o mal a um

princípio mau. Ele nota, contudo, que se trata de uma solução maniqueísta e abandona este pensamento. Mais tarde, com o auxílio do neoplatonismo (apesar de não adotar totalmente as teses neoplatônicas), este posicionamento é superado.<sup>2</sup>

O entendimento de Agostinho sobre o bem o mal tem por base a descrição do livro de Gênesis no qual afirma-se que Deus viu que tudo que fora criado por Ele era bom. Este fato influenciou agostinho a refutar qualquer percepção dualista (maniqueísta) da realidade das coisas.<sup>3</sup>

Agostinho então baseia-se em parte do pensamento de Plotino, que afirmava que o mal é ausência, falta do bem, entretanto Plotino identificava essa ausência do bem com a matéria. Agostinho aceita a primeira parte do pensamento de Plotino, mas rechaça a segunda, isso porque ele não identificava o mal (ausência de bem) com a matéria, pois a matéria também foi criada por Deus e tal pensamento, segundo Agostinho, leva à conclusão de que Deus seria o autor do mal. O bispo de Hipona então passa a compreender que o mal é a privação de uma perfeição que a substância deveria ter, assim, não se trata de uma realidade positiva, mas da privação da realidade.<sup>4</sup> Ou seja, o mal, ao menos na questão ontológica, é a privação do que é bom, é a ausência de bem e, assim, Deus não pode ser a sua causa.

A solução do problema, nesta perspectiva ontológica, está resolvida para Agostinho, de forma que o mal não possui uma existência e resta demonstrado que a premissa do problema estaria errada. Urge-nos ressaltar que não concordamos completamente com a solução do mal ser a mera ausência de bem, mas este não é o tema de nossa investigação. Entretanto, o entendimento do mal como ausência de bem não explica a presença do mal (ou ausência do bem) e sofrimento no mundo numa perspectiva da experiência humana.

Na realidade da experiência, o mal é experimentado, vivido, e o sofrimento é real. Dando um giro para uma perspectiva apologetica, a questão se coloca de outra forma: mesmo compreendendo alguma explicação sobre o problema ontológico do mal, como aceitar que existe um Deus todo-poderoso, todo-amoroso, que detém o domínio sobre todas as coisas e, mesmo assim, permite tanta dor e sofrimento no mundo? Diante do cenário de aparente falta de controle, de maldade exacerbada, de catástrofes naturais, é possível acreditar na existência desse Deus? Ou seja, ainda que se concorde com a conclusão de que o mal é a ausência do bem, como aceitar-se a realidade de que pode haver espaços, ações, situações, em um mundo criado por um Deus bom, onde não há qualquer bondade, onde impera ausência do bem? Essa aparente contradição torna logicamente impossível existência de Deus?

William Lane Craig apresenta a realidade do problema demonstrando uma série de eventos cruéis causados pelos homens: guerras, torturas, assassinatos, vilas incendiadas, mulheres violentadas. Na verdade, bastaria ligarmos a televisão no horário do noticiário, ou lermos livros de história e nos depararmos com injustas manifestações do mal causadas pelos seres humanos. Entendemos que este mal oriundo das ações humanas talvez seja menos complexo (apesar de ainda muito complexo) de se explicar.<sup>5</sup>

O mal moral poderia ser explicado pelo mau uso do livre-arbítrio. É um mal causado pelo ser humano ao exercer as escolhas que determinam suas ações, esta, inclusive, é uma tese que permeia o pensamento de Inwagen ao tratar do problema do mal. O autor argumenta que o livre arbítrio humano é uma das principais fontes do mal no mundo, já que permite que os seres humanos escolham fazer o mal em vez do bem.<sup>6</sup>

<sup>2</sup> MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1981, Vol. 1, p. 156.

<sup>3</sup> MATTOS, José Roberto Abreu. **O problema do mal no livre-arbítrio de Santo Agostinho**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 121.

<sup>4</sup> MONDIN, 1981, p. 156.

<sup>5</sup> CRAIG, William L. **Apologética para questões difíceis da vida**. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 81-83.

<sup>6</sup> INWAGEN, Peter van. **O problema do mal: as conferências Gifford proferidas na Universidade de St. Andrews em 2003**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

Geisler, de igual forma, destaca que o mal pode ser o resultado do livre-arbítrio humano, pela escolha livre dos seres humanos de fazer o mal. Ele argumenta que o mau uso da liberdade concedida por Deus permitiu a experiência do mal. Para o autor, a liberdade em si não é má, mas com ela vem a possibilidade do mal, e as criaturas livres são responsáveis por torná-lo real.<sup>7</sup> Nesse sentido, Deus é responsável por permitir que o mal seja possível, mas não é responsável por sua existência real. Geisler afirma:

Deus é bom, e criou criaturas boas com uma qualidade boa chamada livre-arbítrio. Infelizmente, elas usaram esse poder bom para trazer o mal ao universo ao se rebelar contra o Criador. Então o mal surgiu do bem, não direta, mas indiretamente, pelo mau uso do poder bom chamado liberdade. A liberdade em si não é má. É bom ser livre. Mas com a liberdade vem a possibilidade do mal. Então Deus é responsável por tornar o mal possível, mas as criaturas livres são responsáveis por torná-lo real.<sup>8</sup>

Mas é Craig quem avança na questão e levanta o problema do sofrimento causado por fenômenos naturais. O cerne da questão é: como conciliar a existência do sofrimento causado por fenômenos naturais e a existência de Deus?<sup>9</sup>

Certamente há ações do homem, no exercício do seu livre arbítrio, que refletem na natureza e a natureza, ao sofrer os danos causados pelo homem, ocasiona situações que podem gerar dor e sofrimento, doenças, para a humanidade. Veja por exemplo o aquecimento global há décadas anunciado. Se a poluição, a emissão de gases nocivos, não for diminuída a níveis aceitáveis, a natureza sofrerá um dano que resultará em consequências “naturais” nocivas para a humanidade tais como doenças de pele, enchentes, doenças respiratórias, morte de animais, destruição de grande parte da agricultura e muito mais.

Mas como explicar a crença teísta cristã e os males naturais que não estão entrelaçados com os males humanos? Terremotos, tsunamis, câncer, epidemias, enchentes, erupções vulcânicas?

Aqui está mais uma vez o nosso problema. A questão ora tratada não é sobre a criação ou origem do mal, tampouco se busca uma explicação da causa do mal, mas, diante da experiência do mal, que é real, da dor e sofrimento que a todos atingem por ações humanas ou da natureza, é logicamente possível a crença na existência de um Deus bom, justo, poderoso, amoroso? A experiência do sofrimento e do mal no mundo nega a existência de Deus? O recorte do nosso problema, portanto, está no campo lógico e apolético.

## **2. UMA BREVE COMPREENSÃO DA LÓGICA DA NÃO CONTRADIÇÃO APLICADA AO PROBLEMA**

Para avançarmos no problema precisamos entender um ponto chave, que é o princípio da não contradição no campo da lógica. A lógica da não contradição é um dos princípios fundamentais da filosofia, que afirma que uma proposição não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo e sob as mesmas condições. Em outras palavras, duas proposições que são mutuamente contraditórias não podem ser ambas verdadeiras ao mesmo tempo.<sup>10</sup> Desta forma, uma maçã não pode ser verde e não ser verde ao mesmo tempo, uma mulher não pode estar grávida e não estar grávida ao mesmo tempo, um círculo não pode ser quadrado.

Podemos concluir que a não contradição é uma premissa da verdade. Não que a mera ausência de contradição já testifique a verdade, mas que a presença da contradição, a nosso ver, afasta a possibilidade de verdade da proposição.

Ou seja, não posso afirmar que as proposições p1 e p2 são simultaneamente verdadeiras se p1

<sup>7</sup> GEISLER, Norman L. *Enciclopédia de apologética*: resposta aos críticos da fé cristã. São Paulo: Vida, 2002, p. 534.

<sup>8</sup> GEISLER, 2002, p. 534.

<sup>9</sup> CRAIG, 2010, p. 84.

<sup>10</sup> MONDIN, 1981, vol. 1, p. 88-94.

implica na falsidade de p2 e/ou se p2 implica na falsidade de p1. Ora, se p1 implica na falsidade de p2, então p1 e p2 são mutuamente excludentes. Por outro lado, se p2 implica na falsidade de p1, então p2 e p1 também são mutuamente excludentes. Portanto, é impossível que p1 e p2 sejam verdadeiras simultaneamente, pois isso implicaria em uma contradição.

Destarte, para que haja uma resposta positiva ao nosso problema, para que se conclua que a experiência do sofrimento e do mal torna logicamente impossível a crença na existência de Deus, deve existir uma contradição entre as premissas de que o Deus bom e todo poderoso existe e o mal existe, de forma que essas premissas sejam mutuamente excludentes, ou seja, que a existência de Deus deve, necessariamente, tornar a existência do mal impossível e/ou que a existência do mal e do sofrimento torna necessariamente impossível a existência de um Deus todo poderoso e bom.

### **3. A INCONSISTÊNCIA LÓGICA DA ARGUMENTAÇÃO SOBRE A IMPOSSIBILIDADE DA EXISTÊNCIA SIMULTÂNEA DE DEUS E O MAL**

Muitos que negam o teísmo cristão utilizam o argumento de que é logicamente impossível para ambos, Deus e o mal, existirem. O fato é que a fé cristã não nega a existência do mal, pelo contrário, encara o mal como uma realidade. Ao mesmo tempo, apresenta Deus como amor (1Jo 4.8), como um ser bondoso (Sl 136), dentre outros nobres atributos.

Temos, portanto, duas afirmações: “um Deus todo poderoso, todo bondoso, amoroso, criador de todas as coisas existe” e “o mal existe”. Haveria incompatibilidade lógica entre essas afirmações? A princípio não, a não ser, como esclarece William Lane Craig que entendamos o que parece estar implícito na questão:

À primeira vista essas afirmações não são inconsistentes. Não há uma contradição explícita sobre elas. Mas, se um ateu quer dizer que há alguma contradição implícita entre elas, ele deve presumir algumas premissas implícitas que serviriam para apresentar a contradição e torná-la explícita. No entanto quais são essas premissas?

Parece haver duas: (1) Se Deus é todo poderoso, então ele pode criar qualquer mundo que ele escolhe; (2) se Deus é todo bondoso, então ele preferiria um mundo sem o mal e não um mundo com o mal.<sup>11</sup>

Acreditamos que Craig expõe corretamente as questões implícitas das afirmações, mas precisamos descer mais uma camada e analisar se realmente as premissas são verdadeiras e se tornam logicamente inconsistente a crença em Deus.

Em primeiro lugar, não é necessariamente verdadeiro, consistente, que “se Deus é todo poderoso, então ele pode criar qualquer mundo que ele escolhe”. Tanto Craig<sup>12</sup> quanto diversos outros apologetas cristãos, tal qual Plantinga<sup>13</sup>, defendem que a lógica é uma ferramenta essencial para entender o mundo, entender Deus e que Deus é o próprio fundamento da lógica.

Assim, lecionam que embora Deus tenha a capacidade de criar e governar o universo, sua capacidade é limitada pela própria lógica. Por exemplo, Deus não pode criar um objeto que seja simultaneamente quadrado e circular, pois isso seria logicamente impossível. Da mesma forma, Deus não pode criar uma pedra tão pesada que ele próprio não possa levantar, pois isso seria uma contradição lógica.

Desta forma, não é necessariamente verdadeiro que “Deus pode criar qualquer mundo que Ele escolhe”. Apenas por exemplo, Deus não pode criar um mundo onde as pessoas são obrigadas a tomar determinadas escolhas livremente. Ou há a liberdade para a escolha ou há a obrigação. A ideia

<sup>11</sup> CRAIG, 2010, p. 88.

<sup>12</sup> CRAIG, 2010.

<sup>13</sup> PLANTINGA, Alvin. **Conhecimento e crença cristã**. Brasília: Academia Monergista, 2016.

de obrigar alguém a fazer algo é incompatível com a ideia de liberdade de escolha. Se as pessoas são obrigadas a tomar certas escolhas, isso implica que não são realmente livres para escolher e, portanto, não podem exercer a liberdade.

Aqui, a segunda premissa já perde a validade, vez que depende da veracidade da primeira na estrutura da argumentação apresentada. Contudo, ainda que se afirme de forma isolada a segunda premissa, ou seja, ainda que se afirme apenas que “se Deus é todo bondoso, então ele preferiria um mundo sem o mal e não um mundo com o mal”, também não poderíamos concluir que esta afirmação seja necessariamente verdadeira.

Para que esta premissa seja necessariamente verdadeira deveria existir o conseqüente lógico de que Deus não preferiria o mundo que existe, pois neste mundo há o mal. Assim, ou a premissa é falsa ou Deus não existe ou, se existe, não criou o mundo. Contudo, esta afirmação não possui, por si só, o condão de afastar a realidade das outras afirmações.

Aqui não entraremos nos argumentos da existência de Deus, vez que não é o tema principal de nosso artigo, mas, de forma breve, a mera compreensão do argumento cosmológico da existência de Deus afasta a possibilidade de veracidade da afirmação que se opõe à existência de Deus. Ora, se tudo no universo tem uma causa, o universo tem uma causa. O universo não poderia ter surgido do nada, mas precisou de uma causa para sua existência, pois o nada não pode vir a ser algo. Há a necessidade de um ser eterno, criador, onipotente, para causar a existência primeira de todas as coisas, logo, Deus existe. Assim, é impossível o mundo existir (e ele existe) e Deus não existir, pois Deus criou o mundo. Deus criou o mundo como ele é, como nele vivemos, assim, Deus preferiu este mundo no qual o mal existe.

Além disso, conforme Plantinga, a existência do mal não é incompatível com a existência de um Deus onipotente e amoroso. Ele afirma que Deus permite a existência do mal para permitir o (necessário) livre-arbítrio humano e que o mal também serve como um meio para o crescimento moral e espiritual. Além disso, Plantinga afirma que o mal pode ser visto como um meio para a criação de um mundo mais rico e diversificado.<sup>14</sup>

Ou seja, a bondade e onipotência de Deus não exigem que ele prefira um mundo sem o mal em detrimento de um mundo com o mal. Deus pode ter um plano maior que envolve a existência do mal, mesmo que isso não possa ser plenamente compreendido pelos seres humanos, mas não há contradição lógica no fato do Deus todo onipotente e todo benevolente existir e o mal existir.

Importante também notar como Luiz Sayão compreende a permissão da existência do mal, dada por Deus, a partir do livro de Habacuque. Segundo Sayão, o livro de Habacuque oferece uma resposta que não tenta justificar o mal ou explicá-lo de forma completa, mas oferece um caminho para lidar com o mal que é baseado na confiança em Deus e na esperança de que Ele agirá para corrigir as coisas. Ou seja, mais uma vez podemos ter a percepção de que Deus pode permitir o mal para que do mal surja um bem maior.<sup>15</sup>

Isso pode explicar a existência do mal natural. Ainda que seja impossível compreender completamente determinadas situações que nada têm a ver com a ação humana, podemos acreditar que há um propósito divino maior que o próprio sofrimento em cada situação, que gerará frutos de aperfeiçoamento para os seres humanos que experienciam o sofrimento causado pelo mal.

Por fim, restringindo-nos ao tema proposto, não se pode negar que há inconsistência lógica na argumentação sobre a impossibilidade simultânea da existência de Deus e o mal que a defesa da coexistência ao se analisar de forma conjunta ou isolada as proposições implícitas desta argumentação.

<sup>14</sup> PLANTINGA, 2016, p. 205-218.

<sup>15</sup> SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento**: o caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O argumento de que é logicamente impossível para Deus e o mal coexistirem não é necessariamente verdadeiro. Embora a fé cristã apresente Deus como amoroso e bondoso, ela não nega a existência do mal, e isso não significa que haja uma contradição lógica na crença em Deus.

O argumento de que Deus pode criar qualquer mundo que ele escolhe é limitado pela própria lógica, e há coisas que são logicamente impossíveis, como criar um objeto que seja simultaneamente quadrado e circular. Além disso, a existência do mal pode ser vista como um meio para o crescimento moral e espiritual, permitindo o livre-arbítrio humano e criando um mundo mais diversificado.

Portanto, a existência de Deus todo onipotente e todo benevolente e o mal não são logicamente inconsistentes, e a fé cristã não nega a realidade do mal. O plano de Deus pode incluir a existência do mal, mesmo que isso não possa ser plenamente compreendido pelos seres humanos.

## REFERÊNCIAS

**BÍBLIA SAGRADA.** Nova versão internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

CRAIG, William L. **Apologética para questões difíceis da vida.** São Paulo: Vida Nova, 2010.

GEISLER, Norman L. **Enciclopédia de apologética:** resposta aos críticos da fé cristã. São Paulo: Vida, 2002.

INWAGEN, Peter van. **O problema do mal:** as conferências Gifford proferidas na Universidade de St. Andrews em 2003. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

MATTOS, José Roberto Abreu. **O problema do mal no livre-arbítrio de Santo Agostinho.** 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia.** São Paulo: Paulus, 1981. Vol. 1.

PLANTINGA, Alvin. **Conhecimento e crença cristã.** Brasília: Academia Monergista, 2016.

SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento:** o caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -  
4.0 Internacional*